

# O NÚ ARTÍSTICO E O NÚ OBSCENO

Flaubert, a quando do escândalo provocado pelo *Bel-Ami*, dizia a Maupassant, numa carta que ficou celebre:

«Não existem obras morais nem imorais. O que se deve procurar numa obra de arte é a Belesa e esta não pode estar sujeita á moralidade comum».

Oscar Wilde, no prefacio do «Retrato de Dorian Gray», repete a mesma idea, ao dizer:

«Um livro não é moral nem imoral: é bem ou mal escrito». «O artista póde exprimir todas as coisas. O pensamento e a linguagem são os instrumentos da sua arte. O vicio e a virtude são os seus materiais».

Depois disto dir-se-ia que tal assunto devia ser catalogado ao lado das coisas velhas, das coisas mortas. Porque a propria moral comum, evolue constantemente, sofre constantes renovações. Ao proprio Flaubert, a França, que hoje o glorifica, levou-o aos tribunais como inimigo da moral, quando ele escreveu a *Madame Bovary*. «E' uma obra que afronta a moral publica, os bons costumes da sociedade» — disse o Minis-



*O despertar de Diana, por Mercié*

terio Publico. Hoje, essa obra imoral é considerada uma obra prima. Por que ela se adaptou à moral? Não. Porque a moral evoluiu — e o que nesse tempo — e tão proximo está! — era um arrojo inconcebível de artista, é hoje regalia chancelada. Apesar, porém, dessa evolução da moral, a burguesia, brandido o esqueleto de antigos preconceitos, continua a odiar toda Belesa que tem um profundo sentido de verdade. E isso reflete-se prejudicialmente nas gerações que vem brotando do ventre, pouco fecundo mas volumoso, da burguesia.

Dá-se à criança, dá-se ao próprio adolescente, uma educação errada, pautada pela mentira — preparando-se assim os espíritos jovens para o culto da hipocrisia. Desse culto nefasto vivem os artistas subservientes, vivem os escritores que claudicam com a miseravel mentalidade burguesa. Nessa claudicação se funda o êxito dos Bourget e dos Bourdeaux.

Na literatura as reticências são como um biombo que só deixam ver as pernas duma mulher nua — e a insinuação subrepõe-se assim à revelação.

Nas artes plásticas êsse horror à verdade levou os artistas aos mais grosseiros artificios. O sexo, órgão maximo da humanidade, era repudiado, indigno dos olhos castos, como se nele se cifrasse a própria essência da imundicie. O sexo, sob o ódio que lhe votavam, ultrapassava as mais abjectas vísceras.

Tutelados pela moral imperante, os homens esqueciam-se de que o sexo era a fonte da vida e apresentaram-no como coisa imoral. E assim os pintores, se desejavam fixar a eurtmia dum corpo nú, serviam-se de convencionalísimos veus para ocultar o sexo do modelo, ou obrigavam este a estudadas posições, de forma a esconder o sexo julgado obsceno.

Os escultores recorriam à fôlha de parra, que assim decapitava o sexo, muralhando-o, cobrindo-o de vetos.

O artista que, dentro desse convencionalismo ridiculo, tinha o arrojo de fixar um sexo, era dentro da arte um re-



*Estátua grega (Farnese)*

belde, um iconoclasta, um revoltado que não se submetia à moral comum.

Ainda no tempo de Manet isso constituía uma audácia. O seu quadro *Le déjeuner sur l'herbe*, exposto em 1863 e no qual figurava uma mulher nua, sentada entre dois homens, foi qualificado pelo público e pela crítica de «indecente».

Esse ódio ao nú, que a burguesia tem mantido com extraordinária constância, levou-a a provocar, dois anos depois, um maior escândalo sobre um novo quadro de Manet — *Olimpya*.

Para que o não inutilisassem, foi necessário colocar ao seu lado um guarda. Chamavam à tela uma «obra realista» e esse amor ao real que se atribuía à Manet, irritava a burguesia, que era a detentora do artifício e inimiga da realidade... O próprio Zola constatou isso ao defender essa obra, hoje célebre, de Manet.

E aí o ódio da burguesia já não era ao sexo, mas sim ao nú, apenas ao nú, pois a *Olimpya* de Manet ocultava com a mão a rosa sexual.

Mas é acaso obsceno, fóra do prisma burguês, o nú completamente nú, o nú com toda a verdade?

Está este assunto também catalogado nas estantes dos assuntos que não têm mais período algum de discussão.

O nú na arte não é imoral. O nú é a suprema revelação da harmonia do corpo, da plasticidade, da beleza.

O nú, mesmo esse que vibra sob ondas de voluptuosidade, mesmo esse que descerra a boca rubra e faminta dum sexo feminino, quando sobre ele paira um anseio artístico, um anseio de vida e de beleza, não pode ser considerado imoral, não pode ser considerado, nem o é, senão pelos olhos hipócritas da burguesia.

O nú só pode ser indigno de nossos olhos quando nele ha uma preocupação pornográfica, mercenária — é dizer, quando o nú se torna indústria e elemento de vício secreto.

Mas esse nú não foi criado pelo artista, mas sim pelo industrial, pelo fabricante de postais, de oleografias obscenas — foi criado e explorado pela própria burguesia.

Um quadro que apresente um corpo desnudado, com suas linhas correndo, como afluentes, para formarem um só rio de beleza, é dizer, a beleza do conjunto, não pode ser imoral. Mesmo que nesse quadro haja um sexo, nenhuma obscenidade aí estará — porque isso seria considerar obscena a própria verdade. E os próprios católicos, ao afirmarem que o homem e a mulher são as mais belas criações do seu deus, cometem uma pueril incoerência, quando condenam «essa força de expressão que tem o nú, força que resiste a todos os despresos», como disse Francis Carco. Porque, como as crônicas bíblicas não dizem que o deus dos católicos tenha chamado um alfaiate para vestir o homem e a mulher, após a sua criação; ou esse deus foi um tipo obsceno ao apresentar completamente nus os fundadores da humanidade, ou não o foi, e nesse caso os católicos estão traindo suas «sagradas leis»...

Mas porque não sendo o nú obsceno, ha de facto um nú, mais real do que qualquer outro, pois é uma fotografia do corpo dessas pobres toleradas que os fabricantes de postais e oleografias exóticas contratam para sua triste indústria, que obsceno é?

É que nesse nú já existe bem assinalada uma intenção de erotismo, aproveitando-se os vários elementos que antecedem a revelação do corpo para a posse, como as ligas, com seus laços duma sensualidade de lupanar, e como as meias que evocam as cortezãs que se entregam apressadamente e que se sujeitam a todas as lubricidades.

As próprias posições, tomadas já para se salientarem os elementos do prazer animal; o próprio cenário, onde se procura inflamar a imaginação, desde as almofadas ao



O repouso, por Modigliani (arte moderna)

divan, que aguarda apenas que o corpo venal sobre ele tombe para um espasmo mercenário; tudo isso é preparado sem nenhuma intenção de beleza, mas sim de obscenidade.

Ao contrário, nenhum artista, dos muitos que pintaram cortezãs, deu jámais à sua obra esse carácter pornográfico, sem elevação e sem beleza, que possui o nú industrial — o nú de postal, o nú para o vício secreto...

Mas é ainda à burguesia, aos defensores da moral comum, que ele aproveita, padroando todos os vícios de alcova, estimulando erotismos senis, sugerindo aberrações sexuais; porque é a burguesia e não o povo que hoje mantém todos os vícios e todas as aberrações do sexo. Sem ter sequer a elegância que caracterizava os devassos antigos. Sem ter dado sequer ao vício um sentido estético, requintado. Afundando-se apenas na imundície, afrontando o próprio sexo; denegando a própria voluptuosidade.

*Ferreira de Assis*

Quando te ofenderes com uma falta que contigo alguem cometa, examina-te primeiro, a ti próprio, e repara se nada fizeste parecido.

MARCO-AURELIO.